

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE PACIENTES COM PÊNFIGO APÓS O USO DE TERAPIA IMUNOSSUPRESSORA NO DISTRITO FEDERAL

Bruna Ahmad Cerqueira Soares¹, Amilcar Sabino Damazo²

¹Discente do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: bruna.ahmadunb@gmail.com; ²Docente do Curso de Medicina da Universidade de Brasília. E-mail: amilcar.damazo@unb.br

Introdução: O pênfigo é caracterizado por ser um conjunto de doenças autoimunes, crônicas e bolhosas, cuja fisiopatologia é definida pela produção de autoanticorpos IGG contra os desmossomos. Essa ligação, promove a acantólise, a qual é responsável pela formação de bolhas intraepiteliais dolorosas e erosões, gerando alta morbidade. O manejo terapêutico do pênfigo é composto pelo uso de imunossupressores, como micofenolato de mofetila, corticosteroides sistêmicos e de imunobiológicos, como rituximabe. **Material e Método:** Realizou-se uma análise epidemiológica retrospectiva e descritiva, a partir da análise de prontuários de pacientes com o diagnóstico confirmado para pênfigo, ≥ 18 anos, atendidos no ambulatório de dermatologia do Hospital Universitário de Brasília (HUB), entre setembro de 2022 e julho de 2025. **Resultados e Discussão:** A amostra foi composta por 50 pacientes com pênfigo. Houve um predomínio discreto do sexo feminino, com 54% de mulheres e 46% de homens. Quanto à procedência, 50% dos pacientes residiam no Distrito Federal, 44% na região do Entorno do DF, e para 6% essa informação não estava disponível. Analisando o perfil socioeconômico, a faixa de renda familiar mais prevalente corresponde a 1 a 3 salários mínimos (40%). O fototipo cutâneo IV foi o mais frequente (34%), seguido pelos fototipos V (18%) e VI (16%). O histórico familiar positivo para pênfigo foi relatado em 12% da amostra. O pênfigo foliáceo (PF) foi o tipo mais presente, correspondendo a 62% e o subtipo endêmico (PFE) predominou 83,8% dos casos de PF. Cerca de 72% dos pacientes da amostra faziam uso de imunossupressores, sendo que 44% utilizavam imunobiológicos. No subgrupo de 36 pacientes em uso de imunossupressores, a comorbidade mais prevalente foi a hipertensão arterial sistêmica, identificada em 33,3% dos casos, seguida da herpes simples, com 19,4%. Além disso, comorbidades relevantes foram notadas: diabetes mellitus (16,6%), dislipidemia (16,6%), obesidade (16,6%) e doenças infecciosas crônicas (13,8%), como hanseníase, tuberculose e leishmaniose. O HUB atende uma população heterogênea, com perfis socioeconômicos e epidemiológicos distintos. Nesse sentido, é necessário realizar uma análise epidemiológica no grupo de pacientes com pênfigo, a fim de identificar possíveis correlações entre os regimes terapêuticos (imunossupressores) e a ocorrência de comorbidades diretamente relacionadas aos efeitos adversos do uso de imunossupressores de maneira prolongada. Imunobiológicos possuem menos efeitos adversos, sendo relevante promover uma inovação na terapêutica, para mitigar essas comorbidades. **Considerações Finais:** A partir da análise epidemiológica, é perceptível que o pênfigo possui um perfil de alta complexidade. Assim, faz-se necessário a análise desse dilema terapêutico, baseado na necessidade de utilizar imunossupressores para o combate à autoimunidade e os efeitos adversos da utilização desses imunossupressores de maneira prolongada, promovendo comorbidades.

Descritores: Pênfigo, Comorbidade, Infectologia, Imunossupressores.